

ARQUIVO

E AGORA, JOÃO? DIÁLOGOS ENTRE JOSÉ CARDOSO PIRES E JOÃO CABRAL DE MELO NETO

WHAT NOW, JOÃO? DIALOGUES BETWEEN JOSÉ CARDOSO PIRES AND JOÃO CABRAL DE MELO NETO

Rafaela Cardeal

Centro de Estudos Comparatistas da Faculdade de Letras
da Universidade de Lisboa
cardealrafaela@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0001-6952-621X>

No ensaio que dedicou à presença de Carlos Drummond de Andrade em Portugal, Helder Macedo relata o forte diálogo de sua geração com o poeta brasileiro e, amplamente, com a literatura de seu país: “Tempo houve em que a melhor literatura portuguesa era a brasileira”, “aquela que líamos como se fosse nossa, a que teríamos desejado por escrever” (Macedo, 2007: 165). Para ele, o autor de *Alguma poesia* (1930) foi não só o mais influente – mais até do que Fernando Pessoa – desde meados da década de 1940 até os anos de 1960, como também o poeta que sozinho, ou quase sozinho, foi o Segundo Modernismo Português. A partir desse testemunho, o ensaísta enumera sugestivas correspondências e casos de inegável eco drummondiano em escritores tão diversos como Carlos de Oliveira, Alexandre O’Neill, António Ramos Rosa, Egito Gonçalves, José Cardoso Pires e Mário Cesariny de Vasconcelos. Sem dúvida, Drummond foi um mestre para a poesia portuguesa e, é claro, para a poesia brasileira, na qual sua influência se fez sentir de maneira radical, inclusive, em um de seus discípulos mais notáveis: João Cabral de Melo Neto, que viria a se tornar, mais tarde, o sucessor de seu magistério nos dois

lados do Atlântico – ou contendor da lição do antigo mestre. Macedo salienta esse fato quando, citando poetas brasileiros que circulavam entre os portugueses, afirma que João Cabral era “persistentemente” presente, “até ter ficado quase o único” (Macedo, 2007: 166), e acentua que sua importância para Ramos Rosa seria somente igualada por Drummond.

Entre as várias homenagens prestadas ao autor em Portugal, a mais bela teria sido, nas palavras de Helder Macedo, o volume *E agora, José?* (1977), publicado por José Cardoso Pires. Cabe recordar que ele não foi o único a se valer da interrogação drummondiana: José Gomes Ferreira, Casimiro de Brito, Jorge de Sena, Rui Knopfli e outros autores também fizeram parte daqueles que a tornaram um bordão popular utilizado em vários contextos. Com um desfecho afetivo, Macedo conclui o texto, prestando tributo tanto a Drummond quanto a Cardoso Pires, a quem se refere como “velho amigo e exemplar camarada” (Macedo, 2007: 179), contudo, sem detalhar o modo como essa admiração se manifestava, além da evidente referência, na sua obra. Ironicamente, o nome próprio que no poema “José” adquire a impessoalidade e o anonimato de um José-ninguém, capaz de representar uma coletividade, como símbolo do homem desamparado, transforma-se numa “meditação muito pessoal e algo amarga” (Macedo, 2007: 178) de outro José, Cardoso Pires, sobre si mesmo e sobre seu país, desde as inquietações com a censura até o pós-25 de Abril. É o que reflete a própria organização da coletânea de ensaios que se inicia com a seção “Auto-retrato” e termina com “E agora, José?”. Este ensaio final, que intitula o conjunto, e o livro *De profundis, valsa lenta* (1997), ambos se escrevem, de acordo com Cleonice Berardinelli (2001), “sob o signo de Drummond”, não apenas estabelecem uma curiosa ligação entre as duas publicações, mas também evidenciam a permanência do poeta brasileiro na trajetória do escritor português.

Nas *Poesias* de Drummond, edição que tinha “acolá na estante” (Pires, 1997: 33), como revela em *De profundis, valsa lenta*, livro de teor autobiográfico, o escritor encontraria uma espécie de espelho, onde se vê e dá a ver suas reflexões. O poeta itabirano não foi o único brasileiro a compor sua biblioteca, como revelam os exemplares de *Poemas escolhidos* (1963) e de *A educação pela pedra* (1966), de João Cabral (Figuras 1 e 2). A primeira antologia da poesia cabralina publicada em Portugal, sob a organização de Alexandre O’Neill, ostenta uma dedicatória cordial e concisa, como costumam ser os autógrafos de João Cabral, oferecendo o exemplar como “homenagem”; e uma anotação na última página com a direção do remetente: “Calle Junqueras 18 / Barcelona” – isto é, *Carrer de les Jonqueres*,

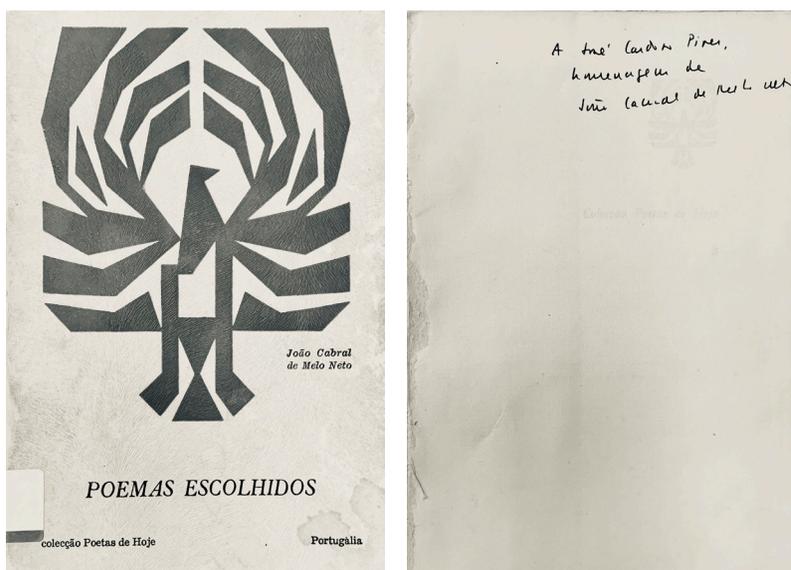


FIGURA 1: Exemplar de *Poemas Escolhidos* (BNP L. 1224445 V.) A José Cardoso Pires, homenagem de João Cabral de Melo Neto.

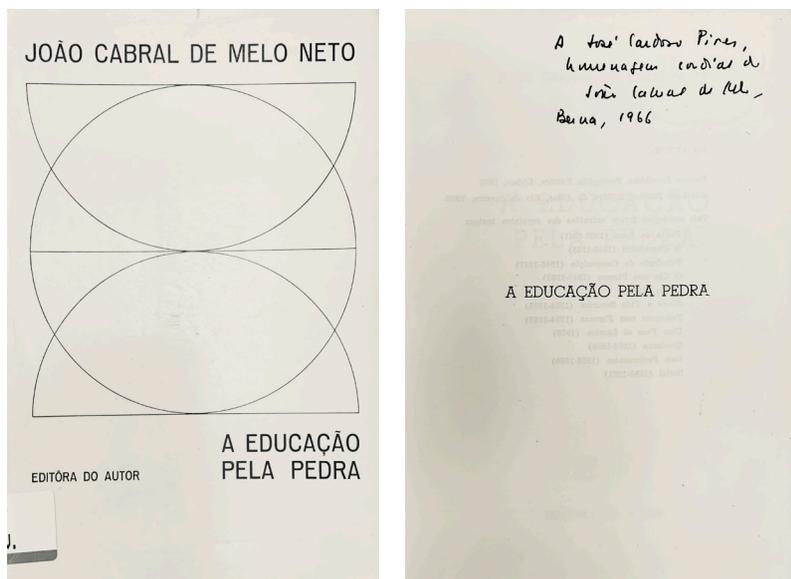


FIGURA 2: Exemplar de *A educação pela pedra* (BNP L. 122446 V.). A José Cardoso Pires, homenagem cordial de João Cabral de Melo Neto, 1966.

onde funcionava o consulado-geral do Brasil.¹ O gesto de oferta fora motivado pelo amigo em comum de José e João, o Alexandre, circuito que é revelado pela exígua correspondência trocada entre eles.

Em 2 de fevereiro de 1964, escreve Cardoso Pires a Cabral, expressando já nas primeiras linhas a enorme alegria que sentiu ao saber, através de O'Neill, que o “poeta rigoroso” tinha gostado de *Cartilha do Marialva ou das negações libertinas* (1960), livro com tiragem escassa de 400 exemplares – dos quais 350 destinados ao público. Assim, o ficcionista sente-me mais à vontade para enviar ao brasi-

¹ Os exemplares de *Poemas Escolhidos* e *A Educação pela Pedra* encontram-se na Biblioteca Nacional de Portugal, assim como o espólio de José Cardoso Pires.

leiro outros livros: *O hóspede de Job* (1963), *Jogos de azar* (1963) e a primeira edição de *O anjo ancorado* (1958), enumera, salientando que gostaria também de enviar *O render dos heróis* (1960), que se encontrava esgotado. “É pouco, mas quem dá tudo o que tem faz o impossível”, pontua Cardoso Pires, acrescentando um breve comentário para o seu exigente leitor: “Só tenho pena de que vá conhecer *O anjo ancorado* na 1.^a edição, uma vez que o texto da 2.^a é mais descarnado e mais no gume de lâmina” (Pires, 1964). Por fim, ele envia junto com a carta um recorte da revista *Seara Nova*, que traduzia “por linhas enviesadas, a extraordinária agitação e o interesse que se faz, também em Portugal, à volta da poesia de Melo Neto”, colocando-o “no lugar-comum de ser, com verdade, um dos muitos admiradores devotados” que existiam no seu país. E, ainda, finalizava com o destaque: “embora, vaidade à parte, um dos mais antigos e dos mais estudiosos” (Pires, 1964) (**Figura 3**).

É surpreendente o raro registro epistolar conservado no arquivo de João Cabral de Melo Neto devido ao seu imediato valor documental e, especialmente, ao desvelar, em primeira pessoa, da admiração devotada pelo poeta brasileiro e da posição privilegiada em que se coloca Cardoso Pires – e não em lugar-comum, como faz parecer – entre os primeiros e os mais dedicados leitores. Ora, ao se examinarem as relações pessoais e/ou literárias estabelecidas por João Cabral em território português, dificilmente o nome de Cardoso Pires figurará entre os primeiros a serem mencionados, se ao menos vier a ser lembrado. Em contrapartida, a obra do ficcionista não aponta nenhum sinal explícito dessa admiração, sequer em epígrafes, como ocorreu com Drummond. Contudo, a via paratextual, epistolar e biográfica, oferece certos elementos que nos ajudam a recompor o retrato – digamos, precário – do que foi ou terá sido esse diálogo luso-brasileiro.

Lilhoz, fev. 2/54

Prezado camarada,

Senti uma enorme alegria ao saber, pelo O'Neil, que tinha postado de "Castilha de Marialva". A opinião de um poeta riposo é uma verdade exigente, literariamente vivida, que não se compadecerá com reconhecimento de cortesia. Dá' o meu entusiasmo com a notícia.

Assim, acho-me um pouco mais a-vontade para lhe enviar mais alguma coisa de mim: O Hospede de Job, um exemplar de 15 edições de O Anjo Anorado e outro de João de Azor, este último contendo uma coleção de contos que me foi possível apurar de "Camuflados" e "Histórias de Amor" (aproveitado pela censura).

Além dessa narrativa dramática (O Rende do Herói), que se encontra esgotada mas de que tenho esperança desencantar um volume para lhe oferecer, e tudo quanto escrever. E' pouco, mas quem dá tudo o que tem faz o impossível.

Se' tenho pena de que não conheça O Anjo Anorado na 1ª edição, mas a vez que o texto de 2ª é mais descurado e mais no gume de lâmina.

A título de curiosidade, junto um recorte de "seara nova". O que lá se diz traduz, por linhas entrecortadas, a extraordinária agitação e interesse que se faz, também em Portugal, a volta de poesia de Melo Neto. E põe-me no lugar-comum de ser, com verdade, um dos muitos admiradores devotados que tem no meu país — embora, vaidade à parte, um dos meus antigos e dos mais entusiasmados.

Seu muito fante,

José Cardoso Pires

P.S. — Os livros seguiram por correio registado, em separado.

FIGURA 3. Carta enviada por José Cardoso Pires (Arquivo João Cabral de Melo Neto, Arquivo-Museu de Literatura Brasileira, Fundação Casa de Rui Barbosa).

Lisboa, 2 de fevereiro de 1964

Prezado camarada,

Senti uma enorme alegria ao saber, pelo O'Neill, que tinha gostado da "Cartilha do Marialva". A opinião de um poeta rigoroso é uma verdade exigente, literariamente vivida, que não se compadece com reconhecimento de cortesia. Daí o meu entusiasmo com a notícia.

Assim, acho-me um pouco mais à vontade para lhe enviar mais alguma coisa de meu: *O Hóspede de Job*, um exemplar de 1.^a Edição de *O Anjo Acorado* e outro de *Jogos de Aazar*, este último contendo uma seleção dos contos que me foi possível apurar de "Caminheiros" e "Histórias de Amor" (apreendido pela censura).

Além duma narrativa dramática (*O Render dos Heróis*), que se encontra esgotado mas de que tenho esperança desencantar um volume para lhe oferecer, é tudo quanto escrevi. É pouco, mas quem dá tudo o que tem faz o impossível.

Só tenho pena de que vá conhecer *O Anjo Acorado* na 1.^a Edição, uma vez que o texto da 2.^a é mais descarnado e mais no gume de lâmina.

A título de curiosidade, junto um recorte da "Seara Nova". O que lá se diz traduz, por linhas enviesadas, a extraordinária agitação e o interesse que se faz, também em Portugal, à volta da poesia de Melo Neto. E põe-me no lugar-comum de ser, com verdade, um dos muitos admiradores devotados que tem no meu país — embora, vaidade à parte, um dos mais antigos e dos mais estudiosos.

Seu muito grato,
José Cardoso Pires

P.S. Os livros seguiram por correio registado, em separado.

Os registros documentais, além de exíguos, apresentam lacunas significativas – com sorte, a serem colmatadas por novas descobertas ou, ainda, pelo cruzamento de informações indiretas, provenientes de fontes e espólios de terceiros. Do lado brasileiro, a carta é o único documento salvaguardado, uma vez que os exemplares enviados por Cardoso Pires se dispersaram junto com a biblioteca de João Cabral, leiloadada após sua morte, em 2000. Porém, segundo o catálogo do leilão, dentre as raridades bibliográficas da biblioteca cabralina encontravam-se os livros *Cartilha do Marialva*, exemplar n.º. 160, autografado pelo autor a João Cabral, *Jogos de aazar* e *O hóspede de Job*, estes dois últimos sem qualquer menção a autógrafo, ao que tudo indica uma falha descritiva do próprio inventário. Como aponta no *post-scriptum* daquela carta, esses volumes que seguiram por correio registado, “em separado”, muito provavelmente, ostentariam dedicatórias. Outro indício considerável aparece na correspondência trocada entre Cabral e O’Neill, cujo conteúdo epistolar é parcialmente conhecido, já que, das cartas remetidas pelo brasileiro, apenas se tem notícia de uma – encontrada, recentemente, pela biógrafa Maria Antónia Oliveira.² Em carta de 8 de março de 1964, O’Neill pergunta se João Cabral tinha recebido livros de Cardoso Pires. E, assim, complementa:

Eu tomei a liberdade de lhe contar que você gostara muito da Cartilha, e que lhe deu imenso prazer e o estimulou. Ele é seu grande leitor e preza-o em alto grau. Além disso, a Cartilha não foi muito bem recebida aqui: os marialvas reportaram logo... (O’Neill, 1964)

Alguns pontos encontram-se, por ora, conectados. Sabemos que o contato de Cardoso Pires e Cabral de Melo Neto se estabeleceu

² Cf. Fiuza, 2023.

por intermédio de Alexandre O'Neill, um de seus mais fervorosos divulgadores em Portugal, e que o brasileiro não só recebeu os livros do ficcionista, como os conservou até o fim da vida. Permanece, contudo, um fio solto que resiste à costura desta trama documental: o recorte enviado junto da carta, até o momento, não localizado no arquivo do poeta brasileiro. Tudo indica que se trate da breve nota publicada no número de fevereiro de 1964 da revista *Seara Nova*, sob o título “Hipersubjetividade em Melo Neto” – a única menção a João Cabral identificada, naquele período, na base digital da revista. Este texto, não assinado, responde diretamente à crítica anônima publicada no *Diário de Notícias*, em 19 de dezembro de 1963, que contestava uma afirmação feita por Alexandre Pinheiro Torres no prefácio de *Poemas escolhidos*. O debate incide sobre a ideia de que a poesia de João Cabral é “despoetizada” e livre da “hipersubjetividade” que, de acordo com Pinheiro Torres, contaminava certa lírica contemporânea.³ O articulista do *Diário de Notícias* defendia que o poeta brasileiro não havia se despedido da carga sentimental, apoiando-se em um excerto do poema “A palavra seda”, que pouco sustentava tal argumento. É justamente o que refuta a nota anônima da *Seara Nova*, provavelmente escrita por Cardoso Pires:

³ Trata-se do parágrafo final de “A poesia de João Cabral de Melo Neto (apenas algumas indicações ao leitor comum)”: “João Cabral de Melo Neto, poeta de génio autêntico, aponta um caminho para a poesia do presente e do futuro: uma poesia ‘despoetizada’, liberta da carga sentimental, da hipersubjetividade de que tem vindo a empapar-se e que tem dado, nos últimos tempos e em todos os países, as flores neo-românticas que se conhecem; uma poesia prosaica, fiel ao real, discípula do positivo, profundamente radicada ao seu contexto geográfico-histórico-sociológico (sem o que, podendo embora existir, não chegará a ter voz); uma poesia que devasse o mistério a bisturi; uma poesia realista, de um realismo que se aproxime do real cada vez mais, e continue a persegui-lo como alvo, única ‘caça’ digna de sua mira privilegiada.” (Torres, 1963: XXXV, grifos do autor)

Um comentador anónimo da página de *Artes e Letras* do *Diário de Notícias* fez há semanas uma descoberta literária sensacional: encontrou hipersubjectividade em João Cabral de Melo Neto! Subjectividade, só, era pouco, foi preciso o prefixo: hipersubjectividade. Só assim é que Melo Neto, grande poeta em qualquer parte do mundo, consegue não magoar nem irritar todos aqueles que fizeram do chamado lirismo confessional bem-choradinho-e-encasulado a irremediável vocação da raça e até mesmo a essência da poesia. Trata-se portanto de uma tese utilíssima. E, embora, o exemplo escolhido tenha provado precisamente o contrário do que se pretendia (como o leitor pode verificar lendo *A palavra seda*, na pág. 196 da edição portuguesa dos *Poemas* de Melo Neto), seria na verdade deplorável que uma tese tão prometedora e aliciante não tivesse o desenvolvimento que sem dúvida merece. Mãos à obra, pois, para contentamento de todos nós e descanso de alguns! (*Seara Nova*, 1964: 53)

Com ironia afiada, o autor não apenas corrige uma leitura apresada da poesia cabralina, como também aproveita a ocasião para criticar, com firmeza, um certo tipo de lirismo confessional ainda resistente – e influente – no meio literário português. Essa intervenção pública, embora anónima, parece alinhar-se nitidamente ao comentário que Cardoso Pires formula na carta enviada a João Cabral, ao afirmar que o artigo traduzia, “por linhas enviesadas” (Pires, 1964), a agitação e o interesse então despertados por sua poesia. Ao declarar-se, ainda, “um dos mais antigos e dos mais estudiosos” admiradores devotados de João Cabral em Portugal, Cardoso Pires sugere que essa defesa não era episódica, mas fruto de um conhecimento profundo da obra.

Quatro anos depois, em 1968, seria a vez do grande encontro. José Cardoso Pires e João Cabral se conhecem na comemoração do 22.º aniversário do *Jornal do Fundão*. O programa contou com o colóquio “Poesia, Hoje”, no dia 27 de janeiro, e no dia seguinte a realização de

um almoço de confraternização, que reuniu na Beira Baixa, durante dois dias, importantes nomes da intelectualidade portuguesa: Alves Redol, Jaime Lopes Dias, Salette Tavares, Fiama Hasse Pais Brandão, Ruy Belo, Arnaldo Saraiva, António Alçada Baptista e Ruben A. – este último foi responsável, como funcionário da Embaixada do Brasil em Lisboa, por conduzir o poeta e diplomata brasileiro até o Fundão. Vindo expressamente de Barcelona, a convite do jornal, João Cabral regressava a Portugal após o sucesso estrondoso do espetáculo *Morte e vida severina*, realizado em 1966 pelo Teatro da Universidade Católica de São Paulo (Tuca) em Lisboa, Porto e Coimbra. A popularidade conquistada pelo poeta, especialmente entre os jovens portugueses, devia-se à potente mensagem de seu poema dramático, carregada de força e significado político, em meio ao contexto repressivo enfrentado pelo país. Graças à imunidade diplomática, nem João Cabral, nem sua obra, chegaram a ser alvos da censura salazarista, porém o escritor não escaparia do olhar vigilante da Polícia Internacional e de Defesa do Estado (PIDE), sobretudo numa iniciativa que envolvia o *Jornal do Fundão*.

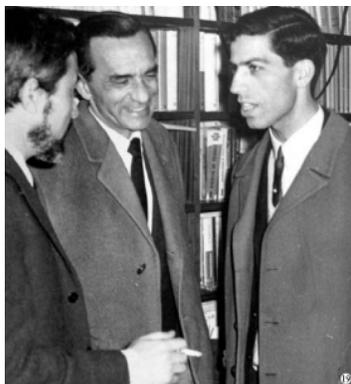


FIGURA 4. Encontro no Fundão, José Cardoso Pires, João Cabral de Melo Neto e Arnaldo Saraiva (janeiro de 1968).

Apesar da localização periférica, o jornal fundado por António Paulouro em 1946 tornou-se um dos veículos de comunicação mais prestigiados no país e uma das vozes mais incômodas do Estado Novo. No mais emblemático ataque contra a imprensa, o *Jornal do Fundão* foi suspenso por tempo indeterminado em 23 de maio de 1965, após noticiar a atribuição do Grande Prémio de Novelística ao livro *Luuanda* (1963), de José Luandino Vieira, detido no Tarrafal como preso político, apenas voltando às atividades seis meses depois sob enorme vigilância. É o que registram os ofícios confidenciais emitidos pelo Posto de Vigilância da PIDE na Guarda, responsável pelo controle da região, ao diretor da PIDE em Lisboa. Antes mesmo de João Cabral pisar em solo português, a 19 de janeiro, comunica-se a iminente realização do evento que poderia ser aproveitado para fins políticos, havendo a possibilidade de que fossem feitas referências desfavoráveis ao governo durante o colóquio e o almoço, tendo em vista os princípios defendidos pelo jornal e a ideologia política do seu diretor. A 29 de janeiro, é remetido um relatório detalhado, elaborado pelo chefe do posto a partir do relato de dois agentes que estiveram no local (PT/TT/PIDE/Del/C PI 38003–NT 4874) (**Figura 5**).

Com a ausência do embaixador do Brasil em Portugal, que presidiria o evento, o diretor do jornal aponta Cardoso Pires como substituto, o que é imediatamente recusado pelas autoridades, sendo-lhe imposta, ainda, a condição de “não poder falar”. Como assinala o ofício, o escritor não acataria a ordem: durante o colóquio, fez a última pergunta a João Cabral – que, afinal, não discursou e só respondeu às questões da audiência. E, no dia seguinte, após o almoço de confraternização, Cardoso Pires também realizaria um breve discurso, que é parafraseado no relatório: “Em virtude das restrições que lhe haviam sido impostas”, teria dito Cardoso Pires, “[ele] não se podia alongar e julgava que a melhor homenagem que podia prestar, era

dizer algumas palavras”, acrescentando que o *Jornal do Fundão* era o único no país “que não era provinciano” (PT/TT/PIDE/Del/C PI 38003–NT 4874). O episódio voltará a se repetir, mais tarde, em 1974, no 28º. aniversário do jornal, ao qual Cardoso Pires esteve ligado através do suplemento *&etc...*, que coordenou com Vítor Silva Tavares entre 1967 e 1971. Nessa ocasião, ao lado de Eugénio de Andrade e Manuel Cargaleiro, Cardoso Pires foi homenageado, mas proibido de falar, dessa vez, pelo governador civil de Castelo Branco. Perante a intimidação, ele tomou a palavra e denunciou a proibição que acabava de ser comunicada. A PIDE não lhe deu voz de prisão, mas espancou brutalmente um funcionário do restaurante, onde acontecia o almoço de confraternização.

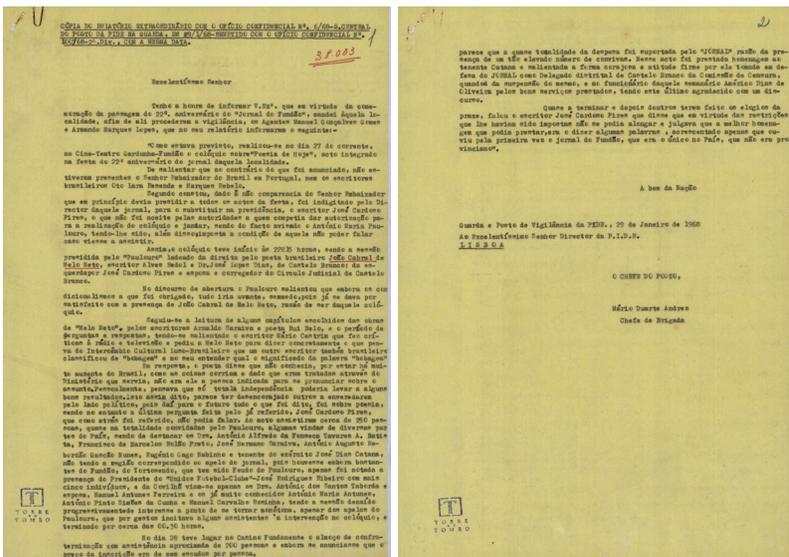


FIGURA 5. Relatório da PIDE sobre o evento do *Jornal do Fundão* (1968), Arquivo Torre do Tombo, PT/TT/PIDE/Del/C PI 38003–NT 4874

Em entrevista a Artur Portela, que compõe o volume *Cardoso Pires por Cardoso Pires*, o ficcionista relembrou o ocorrido, meses antes do 25 de Abril, como “uma afirmação de liberdade” em homenagem à resistência de António Paulouro e do *Jornal do Fundão*. E também explica que o nome do governador civil, que o havia censurado, estava inscrito na abertura do ensaio “Técnica do Golpe de Censura”, de *E agora, José?: “Dedico estas reflexões a um cidadão sem letras, Simplício Barreto Magro, veterinário e governador fascista, o qual, proibindo-me, me obrigou a falar de liberdade”* (Pires e Portela, 1991: 41). Nesse mesmo depoimento, quando questionado sobre o seu estilo, responde:

Para mim, o estilo não é uma caligrafia, o estilo que se “vê” não se sente e por isso é que eu admiro a escrita *ao gume da lâmina*, digamos assim. Desgastar, afiar, ir até o osso, como faz por exemplo o João Cabral de Melo Neto... O projecto é esse. E, como tal, prefiro pecar por defeito a pecar por excesso, ou, se quiser, prefiro exigir criatividade ao leitor a mantê-lo passivo. O difícil neste jogo é que tudo se passa como nos faquires que marcham sobre o gume da lâmina: o menor desvio para mais ou para menos pode abrir golpe. Em todo o caso, esta ou qualquer outra proposta de estilo corre sempre riscos de ruptura e é necessário que os corra para que o estilo se afirme como próprio. Necessita de corromper para criar (a própria língua para se ajustar à expressão do tempo tem de ser corrompida, não é assim?) [...] (Pires e Portela, 1991: 41) (grifos do original)

Quase três décadas antes, na carta de 1964, Cardoso Pires utiliza vocabulário semelhante ao se dirigir a João Cabral, não para se referir à escrita do autor de *Uma faca só lâmina*, poema-livro que viera a público em Portugal na edição de *Poemas escolhidos* – exemplar que recebeu de oferta do autor e manteve em sua estante

—, mas sim para avaliar a própria obra. A autocrítica consiste em afirmar que o texto da primeira edição de seu *O anjo ancorado*, que remetia ao poeta brasileiro, era menos cabralino, isto é, menos “descarnado” e “no gume de lâmina” do que a segunda. É bem possível que Cardoso Pires se referisse, na verdade, à terceira edição do livro, publicada em setembro daquele ano, isto é, meses após o envio da missiva. No volume, apresenta-se a indicação de que o texto foi revisto e que ainda acompanha um ensaio sobre o autor assinado por Alexandre Pinheiro Torres. Tudo indica que na altura da escrita da missiva o processo de revisão ainda não estivesse concluído — motivo pelo qual não receberia a edição mais recente —, o que virá a acontecer, segundo informação da edição, em abril daquele ano.

Guardadas as devidas proporções, existe entre os dois ensaios de Pinheiro Torres pontos de convergência, naturalmente, procedentes do “horizonte de expectativa” do crítico. Em primeiro lugar, ambos os textos, tanto no caso do brasileiro quanto do português, apresentam uma abordagem sociológica e destinam-se para certo tipo de leitor: o “leitor comum” e o “Leitor Distraído”, respectivamente, talvez sinônimos nessa perspectiva. Para além desse detalhe, quiçá mais revelador do estilo do autor do que da própria análise, são apontadas características que encontram semelhança estrutural nas obras do ficcionista e do poeta: a procura pela síntese, pela palavra precisa com o propósito de reduzir a linguagem ao essencial, ao “osso”, como acentua Pinheiro Torres, o que teria levado Cardoso Pires a “um tipo de escrita inimiga e feroz de todos os barroquismos de expressão” (Torres, 1964: 214) e João Cabral a uma poesia contundente, substantiva e “seca, reduzida à sua calíça” (Torres, 1963: XXIV).

Esse vocabulário comum voltaria a ser utilizado, dessa vez, pelo próprio Cardoso Pires na sequência do lançamento de seu último

livro, *De profundis, valsa lenta*. Em entrevista para o *Diário de Notícias*, falando de rigor e objetividade – palavras-chave da poética cabralina –, não por acaso, cita mais uma vez o brasileiro. Maria Teresa Horta, a entrevistadora, logo questiona o escritor sobre o que ele queria exatamente dizer com isso, recebendo a seguinte resposta: “Despojada de barrocos, de advérbios. Como fez esse grande poeta, o João Cabral de Melo Neto, que me seduz pela sua escrita seca e descarnada” (Pires, 1997b: 38). Neste e noutros depoimentos, demonstra-se que a “lição” de João Cabral não se restringiu apenas aos poetas, estendendo-se aos artífices da palavra, independente do gênero, como sublinha a fala do ficcionista. Sua “lição de poesia”, afinal, é uma lição de escrita, de profunda dimensão estética e ética, que exige sempre a justeza, nos dois sentidos da palavra, isto é, a medida da justiça ou a justa medida. Outro aspecto que aproxima, ainda mais, seus projetos literários que nunca prescindiram de uma visão política, embora João Cabral não tenha atuado ativamente, nem tenha se filiado a nenhum partido político, como Cardoso Pires, sua intervenção cívica fica bastante clara em cartas, o que, inclusive, provocou o afastamento das funções diplomáticas, por quase quatro anos, após a acusação de atividade subversiva e suposta colaboração com o Partido Comunista – denúncia feita por um colega diplomata a partir de correspondência interceptada.

Os nomes de Cardoso Pires e João Cabral poderiam ter se enlaidado, indiretamente, nas páginas da revista *Almanaque*, que reproduz, no número de maio de 1960, uma breve nota de apresentação que anunciava o lançamento da primeira publicação do brasileiro em terras portuguesas. Editado pela Guimarães, *Quaderna* contou com a “curadoria” e os esforços de Alexandre O’Neill, também um dos redatores da *Almanaque*, ao lado de Cardoso Pires, que coordenava a equipe, composta por José Cutileiro, Luís de Sttau Monteiro, Augusto

Abelaira, Vasco Pulido Valente. É o próprio O'Neill que indicou ao autor em carta sem data, provavelmente daquele ano, que enviasse um volume à redação, ao cuidado de Cutileiro. No texto, que não está assinado, João Cabral é apresentado como nome “certamente desconhecido para a grande maioria do público”, mas que correspondia a “um dos maiores poetas da língua portuguesa vivos”. Desde o subtítulo, “um homem de travo seco”, expressa-se a qualidade enxuta e depurada de sua poesia, o que é reforçado pelo ilustrativo poema “A palo seco”. Devido ao caráter coletivo da redação, todos teriam afinidade com o que foi escrito, porém, nessa altura, Cardoso Pires encontrava-se afastado da revista, durante o exílio no Brasil, o que descarta qualquer envolvimento nesse episódio – e, igualmente, o contato pessoal naquele país, visto que João Cabral, nesse período, estava na Europa.

Entre encontros e desencontros, entre a literatura e a vida, Cabral de Melo Neto e Cardoso Pires – ou simplesmente João e José –, voltam a se cruzar, agora textualmente. Desta vez, pelas mãos de outro José, o crítico José Guilherme Merquior, que estabelece a ligação em *A astúcia da mimese – ensaios sobre lírica* (1972), ao refletir sobre “alguns problemas da crítica estrutural”. Ali, os autores de *A educação pela pedra* e de *Cartilha do Marialva* são citados lado a lado com outro João, Guimarães Rosa, enquanto “casos de pioneirismo estilístico” mais fortes da segunda metade do século XX (Merquior, 1997: 234). A presença do português entre os brasileiros surpreende – não pelas nacionalidades, é claro –, mas pela singularidade do gesto que os aproxima, a trama do gesto crítico que, como intuiu Manuel Gusmão (2010), sempre exige um terceiro ou terceiros para promover o encontro de dois, seja na vida, como fez O'Neill, seja no texto, como fazemos nós leitores.

REFERÊNCIAS

- Arquivo PIDE/DGS. Processo Del/C PI 38003 – NT 4874. Arquivo Nacional Torre do Tombo.
- Berardinelli, Cleonice (2001). “Dois Josés encaram a morte”. *Semear: Revista da Cátedra Padre António Vieira de Estudos Portugueses*, 5. Rio de Janeiro: Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.
- Diário de Notícias*, Artes e Letras, 19 de dezembro de 1963.
- Fiuza, S. (2023). Alexandre O’Neill: leitor e divulgador de João Cabral em Portugal. *Texto Poético*, 19 (39), 82–113.
- Gusmão, Manuel (2010). *Tatuagem & palimpsesto: da poesia em alguns poemas e poemas*. Lisboa: Assírio & Alvim.
- Macedo, Helder (2007). “O Drummond Português”. *Trinta Leituras*. Lisboa: Editorial Presença.
- Merquior, José Guilherme (1997). *A astúcia da mimese – ensaios sobre lírica*. 2.^a edição. Rio de Janeiro: Topbooks.
- Pires, José Cardoso (1964). Carta inédita [2 de fevereiro de 1964]. Destinatário: João Cabral de Melo Neto. Arquivo João Cabral de Melo Neto, Arquivo-Museu de Literatura Brasileira, Fundação Casa de Rui Barbosa.
- *O anjo ancorado*. 3.^a edição, revista e seguida de um estudo sobre o autor por Alexandre Pinheiro Torres. Lisboa: Arcádia.
- (1977). *E agora, José?*. Lisboa: Moraes.
- (1997). *De Profundis, Valsa Lenta*. Lisboa: Dom Quixote.
- (1997). “Há mais imaginação na ciência”, por Maria Teresa Horta. *Diário de Notícias*, Lisboa, 11 de Julho, 1997, p. 38.
- Pires, José Cardoso e Portela, Artur (1991). *Cardoso Pires por Cardoso Pires – entrevista conduzida por Artur Portela*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- O’Neill, Alexandre (1964). Carta inédita [8 de março de 1964]. Destinatário: João Cabral de Melo Neto. *Arquivo João Cabral de Melo Neto*, Arquivo-Museu de Literatura Brasileira, Fundação Casa de Rui Barbosa.

- s. a. (1964). “Hipersubjectividade em Melo Neto”. Revista *Seara Nova*, ano XLII, n.º 1420, fevereiro de 1964, p. 53.
- Torres, Alexandre Pinheiro (1963). “A poesia de João Cabral de Melo Neto (apenas algumas indicações ao leitor comum)”, in J. C. Melo Neto, *Poemas escolhidos*, (pp. XI-XXXIII). Lisboa: Portugália.
- (1964). “Sociologia e significado do mundo romanescos de José Cardoso Pires”, in J.C. Pires, *O anjo ancorado*. Lisboa: Arcádia.

